

"A PROFESSORA SERÁ DA NOSSA EQUIPE? COMO ASSIM?!": RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA NOVA ESTRATÉGIA DE ENSINO

Dijane Maria Rocha Víctor

Introdução

A prática do ensino após as novas tecnologias, tem sido um desafio dos professores, principalmente de ensino superior que lidam com jovens e adultos e os mesmos mostram-se dependentes de algumas ferramentas tecnológicas, como: o *facebook* e o *whatsapp*, chegando a ser um problema pelo uso exagerado e até incontrolável. Contudo, o problema aqui não está relacionado ao surgimento do computador, das redes sociais e tampouco da internet, mas sim, ao comportamento que estes equipamentos e ferramentas, providas destes, foram capazes de promover nessa geração dita pós-tecnológica.

É bem verdade que as práticas pedagógicas têm as tecnologias como aliadas na aplicabilidade de estratégias de ensino, e também, que nós professores fazemos uso delas, para nossa salvação, como afirma Kenski (2001, p.105):

As tecnologias digitais permitem aos professores trabalhar na fronteira do conhecimento que pretende ensinar. Mais ainda, possibilitam que eles e seus alunos possam ir além e inovar, gerar informações novas não apenas no conteúdo mas também na forma como são viabilizadas nos espaços das redes. Para isso, além do domínio competente para promover ensino de qualidade, é preciso ter um razoável conhecimento das possibilidades e do uso do computador, das redes e demais suportes mediáticos em variadas e diferenciadas atividades de aprendizagem.

Mas não é por isso que fechemos nossos olhos em relação à dispersão dos alunos e a facilidade de acesso dessas



ferramentas que se põem como mecanismo dessa dispersão. Com isso, torna-se difícil conduzir uma turma e mais ainda mantê-la até o final da aula, pois ao mesmo tempo em que o aluno está presente, ele está também conectado com o ambiente fora da sala de aula e com mais mil possibilidades de trocar um ambiente a outro, promovendo ligeiramente a evasão e o esvaziamento no espaço da sala de aula. Isso, sim, representa um problema que se arrasta desde que o telefone móvel chegou no ambiente escolar. Para além disso, as tecnologias são aliadas para a mediação entre professor-aluno

Neste ínterim, vários debates já foram acirrados e até leis foram impostas com o objetivo de proibir o uso do celular em sala de aula. Nos congressos, aonde essa temática vai à discussão, os professores se dividem: de um lado, os que concordam e do outro, os que acham verdadeiro absurdo. E não chegam a nenhuma conclusão, porque o cerne da questão não é a permissibilidade e nem a proibição do aparelho, mas sim, a adaptabilidade às práticas pedagógicas ao esse novo contexto e a conscientização de ter de criar novas estratégias de ensino. E, pensando assim, a cada semestre invento e reinvento novas estratégias para atrair os alunos e mantê-los em sala de aula até que o objetivo destas tenha se concluído, apesar de saber que chegar e ficar presente é um dever do aluno.

Nesse discurso, apresento aqui a experiência de uma nova estratégia de ensino, desenvolvida com turma da disciplina de Tecnologia da Confeção¹ do Curso de Graduação Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 2015. A mesma promoveu reações e indagações do tipo: *“A professora será da nossa equipe? Como assim?”*

A metodologia foi trabalho de equipe, tendo o seminário como estratégia e ensino e a participação da professo-

¹ A disciplina Tecnologia da Confeção é ministrada por mim, desde 1999 e essa turma representou a trigésima quinta.



ra, no caso, eu, em todas as equipes, na condição de pessoa responsável por apresentar uma parte do conteúdo – como dizem os alunos.

A Educação Superior/LDB e as práticas pedagógicas

O Artigo Primeiro da LDB deixa claro o objetivo da educação, quando define que

a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Sendo do professor a responsabilidade de promover as práticas pedagógicas e as estratégias de ensino para o exercício da educação formal, que acontece somente em ambiente escolar.

Essa educação formal tem início na educação básica, que se constitui na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio e, tem sua continuidade na educação superior, sendo a mesma direito de todos e dever dos Estados e Municípios da nação. Contudo, a LDB, é incisiva com as finalidades de cada nível e fases da educação e, é categórica nas determinações pautadas em cada Artigo que a constitui. Destas, apresento apenas o Artigo que rege as finalidades da educação superior, devido aos objetivos desse artigo:

Art. 43º. A educação superior tem por finalidade:

I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o

desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

A condução dessa educação exige dos professores, vocação, formação específica e muita criatividade para dar conta do seu papel. Acrescentando Chalita (2001, p. 174), que este profissional “tenha entusiasmo, paixão; que vibre com as conquistas de cada um dos seus alunos”. Mas que também tenha bom senso, tanto que o permita proporcionar o desenvolvimento e a autonomia de seus educandos. O mesmo autor, defende que a educação tem as suas soluções no afeto. Esse contexto permite-nos pensar imediatamente na educação básica, em função da faixa de idade que a mesma atende. No entanto, esse afeto de que fala Chalita, se faz necessário em qualquer nível de educação, informal ou formal, visto que o ser humano é carente de afeto e de atenção, in-

dependentemente de qualquer idade. No entanto, é próprio do aluno a necessidade de ser percebido, por isso a importância de práticas pedagógicas que proporcionem espaços para a participação de todos. Fato que nos instiga, na condição de professor, a criar constantemente novas práticas e, a fazer uso de novas estratégias, com atividades interativas e de resultados alcançáveis.

Em dezessete anos de sala de aula, tenho observado que quando as práticas pedagógicas não envolvem integralmente os alunos, estes, ficam com “o corpo na cadeira e a cabeça ao vento”, é como se não estivessem em sala de aula. Acho que na nossa incapacidade – se é que assim posso dizer, promovemos esse comportamento com o uso de práticas pedagógicas indevidas ou inadequadas ao tema ou ao dia. Apontando então, que carece do professor o conhecimento, a didática e a sensibilidade para fazer o planejamento de uma aula estimulante, sob todos os aspectos, principalmente, para alunos de universidade, porque nestes existe uma dificuldade de concentração frente à conexão com o mundo virtual, que é constante.

Atualmente considero que na escolha e, também na aplicação das práticas pedagógicas, está o desafio da educação de agora. Exigindo do professor a capacidade de ensinar, de estimular nos alunos o interesse de aprender e o conhecimento nas práticas pedagógicas para trabalhar os conteúdos e também as avaliações. Para além disso, uma excelente e emotiva didática.

Das práticas pedagógicas usadas no ensino superior, como: estudo dirigido, trabalho de grupo, dinâmica de grupo, entre outras, destaca-se a do seminário. Neste, um grupo de estudantes debatem sobre determinado tema, e o professor se coloca na condição de orientador e também de responsável pela síntese do debate. Como afirmam Baçells e Martin (1985, p. 90):

O papel do professor no *seminário* consiste em coordenar as diversas atividades; orientar e guiar os alunos em todas as fases; fazer a síntese. No entanto, no *seminário*, o professor é um diretor do trabalho, não é o seu executante. Quando se estabelece o diálogo, o seu papel é o de vigiar e orientar a sua evolução, intervindo apenas para formular com maior exatidão os problemas descobertos pelos alunos ou para encaminhar a discussão para outros campos. É uma tarefa essencialmente orientadora.

Nessa prática, o professor consegue envolver todos os alunos e fazer a avaliação de cada um individualmente, haja vista que ela permite a apresentação em separado, e por vez, no tempo de apresentação que democraticamente foi estabelecido entre os membros do grupo.

É pertinente esclarecer que os seminários, geralmente, têm boa aceitação, na medida em que a divisão de tarefas fica previamente definida e equilibrada entre as partes. No entanto, e apesar de concordar com Balcells e Martin, na condição de professora, passei por uma experiência de seminário bem diferente a qual apresento no item seguinte. Confesso não saber se de fato posso chamar de seminário essa experiência vivida, ou se a partir de então carece receber outro nome, considerando que o princípio deste é ter o professor como orientador e neste quesito a nossa experiência contrariou a regra. Mas seja como for, ela foi positiva, embora, a princípio tenha causado estranheza aos olhos dos alunos.

Seminário com o professor na condição de pessoa ativa: relato da experiência

Convidar os alunos para organizar seminários é uma prática pedagógica comum na disciplina de Tecnologia da Confeção, no entanto, convidá-los para organizarem seminários

rios contando com a minha participação como pessoa ativa em todas as equipes, causou um susto muito grande. Tanto que um deles imediatamente indagou: *A professora será da nossa equipe? como assim?!".* A partir de então outros questionamentos surgiram e fomos esclarecidos gradativamente.

Após esse momento, expliquei como seriam as apresentações e prosseguimos com as atividades de encaminhamentos. Expus as temáticas de estudo, organizamos as equipes, sorteamos os temas e as datas das apresentações, seguindo as orientações de Masetto (2001, p. 144):

[...] seja explicitado como pode ser entendida a mediação pedagógica em um ambiente de aprendizagem. Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento, do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem não uma ponte estática, mas uma ponte 'rolante', que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

A turma tinha 30 alunos e foi dividida em 6 equipes. Cada equipe ficou com 5 alunos e eu, com responsabilidades igual aos demais. Organizamos as apresentações e, em duas semanas, as equipes se apresentaram, três equipes por dia de aula². Na hora das apresentações, fui, na condição de membro de equipe, me juntar aos alunos e ficar na frente da turma, como de práxis.

Cada equipe se superou e fez a sua apresentação de modo singular e brilhante. Na primeira apresentação já percebi que eles levaram a sério a minha participação e conduziram o seminário como se a professora não estivesse em sala de aula. Era uma experiência, nova para eles e para mim também, mas fizemos tudo tal como combinamos. Ao final da

² As aulas aconteciam às terças-feiras no horário de 14 às 18 horas.



aula abrimos um debate sobre as temáticas apresentadas e, finalizei, desta feita, na condição de professora.

Na semana seguinte, mais três equipes se apresentaram e repetimos o mesmo procedimento e fizemos uma avaliação sobre a experiência vivida. Na oportunidade, entreguei a eles uma folha de papel com algumas perguntas, destas, as duas primeiras foram relacionadas diretamente à receptividade da nova prática pedagógica:

- 1) Qual foi a sua reação ao saber que a professora seria membro de sua equipe?
 - a) Ficou surpreso ()
 - b) Agiu naturalmente ()
 - c) Ficou desconfiado ()Por quê?
- 2) Como você se sentiu com a participação da professora na apresentação do seu seminário?
 - a) Muito confortável ()
 - b) Confortável ()
 - c) Incomodado ()Por quê?

As respostas foram surpreendentes e satisfatórias à nova prática pedagógica. Sobre a primeira: a) 22 alunos ficaram surpresos – a justificativa mais comum foi a de que nunca viram coisa parecida na universidade; b) 6 agiram naturalmente – a justificativa foi de que eu sou assim mesmo e que tinham uma relação tranquila comigo; c) 2 ficaram desconfiados – a justificativa foi que a professora sempre escuta, observa e dá a nota. Sobre a segunda: 12 se sentiram muito confortável – a justificativa mais comum foi de que comigo do lado tinham certeza de que os colegas podiam perguntar qualquer coisa; b) 18 se sentiram confortável – a justificativa mais comum foi a de que não se sentiram intimidados e c) nenhum ficou incomodado.

As notas foram dadas seguindo critério da média da nota individual e da nota coletiva. Ao final das apresentações,

cada aluno teve a sua nota e todos apresentaram excelente desempenho. Para além disso, os alunos passaram todo o semestre mais próximos uns dos outros e as demais atividades tiveram desenvolvimento com resultados acima do esperado.

Mesmo tendo percebido o quão eles ficaram à vontade na hora das apresentações dos seminários, percebi também que a autoridade pedagógica continuava e de mim eles esperavam a síntese dos debates. Fatos que comprovam o papel do educador e o discernimento que o aluno tem de quem é o responsável na mediação pedagógica, embora tenhamos ficado juntos. A experiência veio confirmar as palavras de Gadotti (2001, p.9):

[...] o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

Também não foi intenção, de com essa experiência, avaliar a autoridade pedagógica. Mas sim sentir, mais do que avaliar, como os alunos aderiam a essa experiência e também como iriam se sair frente ao desafio.

Considerações finais

Mesmo concordando com os alunos, que esta foi uma experiência inovadora e também muito diferente, admito que foi benéfica ao aprendizado, as relações e aos resultados, no final do semestre. E na expectativa de que eles iriam ter um comportamento de “escora” ou que iriam me passar a “parte” mais difícil – na percepção deles; ao contrário, agiram naturalmente e, em algumas equipes, até percebi que na divisão de tarefas não foi levado em conta que a professora deveria ficar com a “parte mais difícil”.



A experiência foi excelente e mostrou o quanto os alunos são receptíveis a novas práticas. Aliás, o quanto eles necessitam de novas prática pedagógicas. Pois a dinâmica das aulas foi maravilhosa e a turma apresentou um contentamento tão contagiante que em 17 anos de sala de aula, ainda não tinha visto com tamanha intensidade.

Aprendi, com eles, que quanto mais próximo o professor estiver do aluno, tanto mais fácil será a relação ensino e aprendizagem.

Esclareço que esta experiência me proporcionou outras respostas importantes e que as mesmas serão fontes de outros trabalhos científicos.

Referências

BALCELLS, Jaime Pujol; MARTIN, José Luís Fons. *Os métodos no ensino universitário*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

CHALITA, Gabriel. *Educação, a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

KENSKI, V.M. O papel do professor na Sociedade Digital. In: CASTRO, A. D. de CARVALHO, A.M.P. de (Org.). *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. São Paulo; Ed. Pioneira Thompson Learning, 2001.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. www.dca.fee.unicamp.br/~leolini/consu/reformauniversitaria/ldb/htm. Acesso em: 3 set., 2016.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2001.